
Vivências de maternidade: desafios da maternagem na pandemia da Covid-19 em Rio Branco.

Aline Cristina de Paiva Oliveira



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13136>

DOI: 10.4000/pontourbe.13136

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Refêrencia eletrónica

Aline Cristina de Paiva Oliveira, «Vivências de maternidade: desafios da maternagem na pandemia da Covid-19 em Rio Branco.», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 28 dezembro 2022, consultado o 29 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/13136> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.13136>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 dezembro 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Vivências de maternidade: desafios da maternagem na pandemia da Covid-19 em Rio Branco.

Aline Cristina de Paiva Oliveira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 26/10/2022 / Original Version 26/10/2022

Aceitação / Accepted 26/11/2022

1 **Introdução**

- 2 Desde a confirmação dos primeiros casos na China, no início de 2020, a Covid-19 alcançou o caráter de pandemia devido à rapidez e às proporções de contágio e fatalidades. Mudanças econômicas e sociais drásticas afetaram as mais diferentes partes do mundo e os efeitos da pandemia também se fizeram sentir nas alterações das relações e atividades diárias. Uma das principais medidas de contenção do contágio adotada, o distanciamento físico provocou transformações na configuração do convívio familiar, social e profissional, o que alterou significativamente as rotinas de toda a sociedade. A pandemia transformou o ambiente doméstico a concentrar a maior parte das atividades, exigindo a conciliação das demandas de cada habitante da casa, em aspectos pessoais e profissionais. Transformações foram introduzidas em larga escala por diferentes órgãos e instâncias, adaptações nos ambientes públicos e nas diferentes esferas da vida social, de modo a mitigar os efeitos da pandemia e os impactos na redução das atividades econômicas e reorganização do sistema educacional, por exemplo.
- 3 No Acre, os primeiros casos foram registrados no dia 17 de março de 2020, um homem e duas mulheres, retornando de viagens de outros estados. (RODRIGUES; MUNIZ, 2020). O governador do estado decretou a interrupção de várias atividades, instituições de ensino públicas e privadas, setores da administração pública e outros segmentos da

comunidade introduziram restrições e alterações de horários. Os casos suspeitos e contaminados eram direcionados a uma unidade de saúde da rede pública de cada cidade, na tentativa de conter a contaminação. Em 21 de dezembro de 2020, eram 40 mil casos de Covid-19 confirmados e 767 mortes, dentre o número de mortes de 646 homens e 303 mulheres, números fornecidos pela Secretaria de Saúde do Estado do Acre (BRASIL, 2020).

- 4 Dentro das casas, além das mudanças que o isolamento social introduziu, também tornaram-se mais evidentes aspectos que já existiam antes da pandemia. Na divisão do trabalho doméstico, boa parte das tarefas cabe às mulheres, resultando em uma jornada dupla para aquelas que desenvolvem atividades profissionais, e triplas as que se encarregam dos cuidados com algum familiar. Com a concentração de pessoas e tarefas devido às medidas de distanciamento, somadas às tarefas extras de higienização de ambientes e objetos, cuidados com doentes, acompanhamento de atividades escolares e de recreação infantil, manutenção econômica, as jornadas de trabalho para muitas mulheres tornaram-se infinitas. Sem a delimitação de quando começam e terminam, acarretando em sobrecarga física, econômica e mental. Estes trabalhos domésticos, quase sempre são não-remunerados e invisibilizados, considerados muitas vezes como papéis naturais das mulheres, a partir de dimensões como o amor e o cuidado. As fronteiras entre cuidado remunerado e não remunerado são tênues, pois tanto os cuidados familiares quanto os profissionais envolvem dimensões de emoção, práticas, técnicas e saberes, muitas vezes situados como domínios do feminino. (HIRATA; GUIMARÃES, 2012, p. 3).
- 5 Um aspecto marcante da intensificação do trabalho e sobrecarga das mulheres na pandemia diz respeito às atividades educacionais das crianças, que passaram a ter aulas remotas organizadas a partir de recursos muito desiguais. Coube às mulheres, sobretudo as mães, acompanhar as atividades escolares das crianças, sem formação prévia ou tempo para se prepararem para esta função. Num contexto em que não há separação de espaço ou de tempo, entre as atividades escolares das crianças, as atividades profissionais e as diferentes tarefas domésticas, ou seja, as demandas se acumulam e se sobrepõem
- 6 Na pandemia, parte dos trabalhos de cuidado que eram realizados fora de casa passa a se concentrar novamente nas mulheres da família que, podem ou não exercer trabalhos remunerados de cuidado fora de casa e também sujeitos a alterações ou interrupções diante das medidas sanitárias. De acordo com uma pesquisa realizada pelas organizações Gênero e Número e SOF - Sempre Viva Organização Feminista sobre “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, que aplicou questionários online a 2641 mulheres entre abril e maio de 2020, 41% das mulheres que conseguiram manter trabalho e salário estáveis durante a pandemia, afirmaram que estiveram trabalhando mais na quarentena. Além disso, 40% das mulheres participantes responderam que a situação de isolamento social e a pandemia colocaram a sustentação da casa em risco. Em relação à dimensão do trabalho do cuidado, 50% afirmaram que passaram a cuidar de alguém na pandemia e 72% afirmaram que a necessidade de monitoramento das pessoas sob seu cuidado aumentou. (GÊNERO E NÚMERO; SOF, 2020).
- 7 Segundo dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, entre os anos de 2014 e 2019 ocorreu um aumento de 10 milhões de mulheres no comando das famílias brasileiras, sendo responsáveis pela renda familiar em quase metade das casas. (ver PHELIPE; BARBOSA, 2020). A antropóloga Claudia Fonseca, em seu livro *Família, Fofoca e*

Honra, chama a atenção para o fato de que o termo “mulheres-chefe-de-família” em diferentes abordagens abrangeu diferentes aspectos das relações de gênero no âmbito da família e da casa: desde um acesso a renda e condições de subsistência e sustento da família a manutenção de redes afetivas e de auxílio, de todo modo o centro das decisões familiares (FONSECA, 2000, p. 32). Além disso, a autora argumenta que há pesquisas indicando altas taxas de configuração domésticas em que mulheres são consideradas chefes-de-família desde o século XIX. Tanto mulheres que já eram “chefes-de-família” quanto mulheres que assumiram este papel durante a pandemia tiveram mudanças abruptas em seus papéis após março de 2020.

- 8 Em diálogo com autores como Laqueur, Foucault e Maria Rita Kehl, a psicóloga Waleska Zanello descreve a distinção entre os sexos, como uma característica biológica, consolidada no século XVIII, período em que se fortalece o capitalismo e o modo de vida moderno burguês. As transformações entre os âmbitos público e privado, que parte da população foi destinada aos trabalhos nos espaços privados, justificado pelas diferenças físicas e naturalizando as diferenças sociais. Assim, criou-se um padrão de feminilidade atribuindo à mulher o casamento, a maternidade e ao lar. Incide sobre elas o papel do cuidar, pelo fato de biologicamente ser capaz de gerar. Atribui-se um natural sentimento de maternidade, como uma exclusividade do gênero. (ZANELLO, 2018, pp. 39 ss.). Segundo Cláudia Fonseca, em sua etnografia em Porto Alegre na década de 1980, descreve como a divisão entre a casa, o espaço feminino, e a rua, o espaço masculino. Mas que não se aplica de modo rígido, pois os espaços público e privado se confundem, ainda que sejam diferentemente ocupados. Mulheres circulam e trabalham fora, trazem serviço para dentro de casa, e a participação masculina em diferentes tarefas domésticas não é uma norma, “mas tampouco é um tabu” (FONSECA, 2000, pp. 75-77).
- 9 O livro de Fonseca traz diferentes modos pelos quais nas camadas populares a violência contra mulheres é exercida por homens, familiares ou companheiros, diante de questões como a honra masculina situada no comportamento de irmãs, filhas, companheiras ou ex-companheiras, desavenças sobre situações domésticas. A violência de gênero, decerto, não se restringe a determinado recorte de classe, mas é diretamente afetada pelas dinâmicas entre o público e o privado. Assim, na pandemia, um dos índices mais preocupantes e que chama atenção está relacionado à violência contra a mulher. Devido às medidas de isolamento impostas para conter o avanço do vírus, boa parte das famílias foram obrigadas a se confinar em suas casas, com isso as mulheres passaram a sofrer mais abusos e violências dentro de seus lares. Casos de feminicídio aumentaram em todo o país e o Acre lidera as estatísticas (HEINEN, 2020).
- 10 Diante desse cenário, este artigo propõe analisar as vivências de maternidades durante a pandemia da Covid-19 na cidade de Rio Branco no Acre, através de relatos coletados no segundo semestre de dois mil e vinte por meio de um projeto de extensão realizado na Universidade Federal do Acre, *As Margens da pandemia: relatos de maternidade*, do qual eu fui bolsista¹.

As Margens da Pandemia: relatos de maternidade

- 11 A pandemia evidenciou as jornadas duplas já vividas pela grande maioria das mulheres e a partir dos desafios impostos a todos pela pandemia da Covid-19, tornou-se ainda mais perceptível o grau elevado de demandas assumidas pelas mulheres. Desde o início da implantação das medidas de isolamento social, observou-se a atuação das mulheres

que sempre estiveram na linha de frente no combate ao coronavírus, em diversos segmentos da sociedade, desde a limpeza até profissionais da área da saúde. Além dos cuidados com crianças, idosos ou demais pessoas que já precisam de mais atenção, a organização da família e do lar sempre coube prioritariamente à mulher. Com isso, tornou-se nítida a necessidade de ouvir essas mulheres, principalmente as mães, na busca por entender quais os impactos da pandemia nas vivências de maternidades das mulheres, mais especificamente as acreas.

- 12 No segundo semestre de 2020 deu-se na Universidade Federal do Acre a realização do projeto de extensão *As Margens da Pandemia: Relatos de Maternidade*, coordenado pelas professoras Camila Bylaardt Volker, do curso de Letras, e Ana Letícia de Fiori, do curso de Ciências Sociais. Nas Ciências Sociais, os trabalhos começaram a partir de um grupo de estudos composto por discentes mulheres com o objetivo de pesquisar as inquietações provocadas pela pandemia e com um recorte de gênero. Em um primeiro momento, os debates foram direcionados às vivências das próprias alunas com registros autoetnográficos. Com as primeiras conversas do grupo de estudos, percebeu-se que não apenas as vidas das mulheres seriam impactadas de maneira geral. Mas mais especificamente as mulheres que se viam diante dos desafios da maternidade no contexto adverso de uma pandemia, essas questões ou situações foram aparecendo de maneira natural e genuínas.
- 13 Por sua vez, o aparentemente inusitado pedido feito à professora Camila Bylaardt Volker para que revisasse um relato para uma coletânea que focava em mães e pesquisadoras, despertou-lhe o interesse de também relatar a sua própria experiência de maternidade na pandemia². Assim, se viu diante do próprio desafio de refletir sobre as vivências que a atravessavam naquele momento, ainda no início da pandemia. Isto instigou a professora Camila a pensar como pesquisadora da universidade e direcionar seu olhar para a inquietação que pandemia e maternidade causavam. Percebeu o objeto de estudos para que se construísse uma pesquisa acadêmica, com a coleta de relatos de mães que fizessem parte tanto da rede de contato da própria equipe quanto indicadas por outras mulheres ou mães, uma técnica chamada bola-de-neve³. De modo semelhante à professora Camila, também me vi estimulada a pesquisar sobre um objeto de estudo até então não pensado antes e também diante da própria vivência de maternidade, ao conciliar a graduação, demandas domésticas e profissionais. Através da perspectiva da minha experiência de maternidade e das sensações inéditas que uma pandemia poderia causar, nos relatos coletados havia acolhimento e empatia, além da busca de um olhar apurado para as experiências relatadas por essas mães que se disponibilizaram a contar suas histórias. No site do projeto também relato a minha experiência.⁴
- 14 Assim, por meio da coleta de 40 relatos foi possível a criação de um acervo e elaboração de um site, que reúne as falas de quarenta mães acreas, trazendo um panorama da percepção dessas mulheres sobre os impactos da pandemia no papel de mãe e nos outros papéis sociais que já exercem. Baseando-se em discussões sobre gênero, parentesco e família, como estas experiências são marcadas por dispositivos heteronormativos em que certos papéis de gênero são acentuados em situação de crise e outros são deslocados. Foram 4 meses de projeto, em que ocorreram reuniões de planejamento para a abordagem das mães, a elaboração de um roteiro que possibilitasse a conversa e as discussões em torno das referências bibliográficas mais indicadas que auxiliassem no entendimento para a melhor abordagem.

- 15 Por se tratar de um momento pandêmico, um dos maiores desafios do projeto era a coleta efetiva dos relatos, afinal o mundo todo funcionava de maneira remota, através dos aplicativos que possibilitam a comunicação à distância. A alternativa mais viável foi estabelecer conversas com as mães por meio de aplicativos como o Whatsapp, devido à determinação de medidas de isolamento e confinamento como parte das ações para a contenção do avanço na contaminação pelo coronavírus, não poderia haver encontros presenciais. Entendeu-se como melhor opção, também para estabelecer uma aproximação necessária e manter uma boa relação em que cada mãe se sentisse confortável ao compartilhar suas experiências e relatar suas vivências do dia a dia. Um mecanismo acessível, tanto nas opções de adequação aos horários das mães, que possibilitava parar e retornar a conversa no momento mais oportuno, com falas escritas ou em áudio, também na facilidade do manuseio e popularidade entre os mais variados perfis.
- 16 A equipe do projeto construiu de forma conjunta um roteiro para auxiliar na conversa, que constituía de um termo de consentimento, perguntas de cunho pessoal como idade, local de nascimento, profissão, escolaridade, estado civil, autodeclaração étnico-racial e assim traçar um perfil das mães entrevistadas. Além destas, formularam-se perguntas direcionadas para as vivências de maternidade na pandemia, desde as circunstâncias da maternidade, planejamento ou não. A relação com as filhas e os filhos, a distribuição das tarefas domésticas estabelecidas antes e depois da pandemia. Além das questões que as fizessem contar quais os principais desafios enfrentados desde que as principais medidas sanitárias foram instaladas. As mudanças mais desafiadoras no dia a dia da família, como lidar com as perdas e abalos financeiros e emocionais, bem como as perspectivas para os desdobramentos da crise sanitária e do que esperar para o futuro pessoal e coletivo.
- 17 A partir da livre escolha das entrevistadas, textos ou áudios no whatsapp, nós bolsistas transcrevemos e organizamos as falas. Optei por transcrever fielmente os relatos que coletei, pois entendi que era importante que neles houvesse a voz das mulheres, preservando ao máximo a perspectiva delas. Em alguns casos, alternei entre citações diretas de suas falas com minha interpretação, contando partes de suas vidas de modo indireto, utilizando a terceira pessoa⁵. Dentre os 40 relatos coletados, 10 foram coletados por mim e 15 deles considerados apresentando as falas mais diretas e detalhadas quanto à vivência de maternidade e as diferentes experiências na pandemia. Além disso, apresentavam uma variedade na faixa etária, na situação econômica, na escolaridade, na visão da maternidade em si, explicitando como a vivência das maternidades pode ser múltipla. Assim, foram selecionados para compor o corpus de análise para a minha pesquisa de iniciação científica e trabalho de conclusão de curso⁶, do qual deriva este artigo.

Maternidade e Maternagem em Rio Branco

- 18 Em certa medida é possível observar que, entre as mães entrevistadas, existem diferentes vivências e perspectivas da maternidade. Um dos aspectos que surgiram a partir das perguntas do roteiro sobre como a maternidade acontece na vida de algumas entrevistadas, foi à idade ou fase da vida em que se tornaram mães. Algumas consideram que foram mães muito novas e a falta de maturidade interfere no acesso ou discernimento nas informações sobre o uso correto da pílula anticoncepcional e/ou

contra indicações. Ainda que aparentemente de fácil entendimento, causa algumas dúvidas e o entendimento incorreto leva a uma gravidez não planejada, como exposto nos relatos de Eliane e Maria:

Não planejei minhas duas primeiras gestações: quando engravidei pela primeira vez tinha dezessete anos, não tinha muito conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, tanto que engravidei novamente alguns meses depois do nascimento da minha primeira filha. Só após a minha segunda gestação que comecei a fazer o uso do anticoncepcional. (Eliane, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

Devido à falta de informação e a estar desligada, fez uso de antibiótico. Como resultado dessa desinformação, Maria é surpreendida com uma gravidez não planejada aos 20 anos e sente-se desesperada, pois não desejava ser mãe e não se sentia preparada para esse momento em sua vida. Ela admite que pensou na possibilidade do aborto, questionando se poderia seguir adiante com a gravidez e assumir a responsabilidade de uma criança em sua vida. Os dois, ela e seu marido, discutiram as possibilidades, mas ele não queria que ela interrompesse a gravidez. [Maria (nome fictício usado a pedido da entrevistada), entrevista gravada em outubro de 2020, por Aline Paiva]

Mas a questão do uso equivocado dos anticoncepcionais nem sempre afetam apenas a mães muito novas ou em primeira gestação, como no relato de Gerciani:

Quando descobri que estava grávida da minha terceira filha, entrei em choque, não queria acreditar de maneira nenhuma. Eu tomava o anticoncepcional, mas por causa de alguns problemas de saúde tive que tomar antibióticos por algumas semanas e, de acordo com o médico, um dos antibióticos cortou a eficácia do anticoncepcional. (Gerciani, entrevista gravada em novembro de 2020, por Jéssica Matias)

A partir do exposto nos relatos acima e tendo em vista que o desenvolvimento dos métodos contraceptivos pode ter contribuído na ideia do planejamento familiar. Nesse sentido, a socióloga Lucila Scavone (2001) aponta como momento importante quando as mulheres francesas em 1970 lutaram pelo direito à pílula anticoncepcional e ao aborto, para autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos. O movimento feminista contesta a função social designada às mulheres, sempre restrito ao ambiente privado e doméstico, como cuidadoras do lar, correspondente à natureza biológica de seus corpos. Adotar métodos contraceptivos como a pílula, ou a não continuidade de uma gestação por meio do aborto, por exemplo, caracteriza a recusa das mulheres em aceitarem esses papéis dentro da sociedade, ou um controle sobre quando e como assumir este papel. No entanto, a autora também pontua o entendimento que as mulheres têm da força que a maternidade pode ter em suas vidas, na construção de um elo com outro indivíduo e a importância do gerar e gestar em suas vidas. Assim, está para além de uma função social imposta pela sociedade, por isso a defesa da liberdade de escolha para que as mulheres decidam se querem vivenciar a maternidade e quando a querem.

A recusa ou aceitação da maternidade pode acontecer, ao mesmo tempo, em espaços e posições sociais diferenciadas e não estão, necessariamente, ancoradas na ideia do *handicap*. Apesar da crítica feminista ter partido da constatação da diferença biológica entre os sexos, considerando-a um defeito, ela acaba mostrando que a dominação de um sexo sobre o outro só pode ser explicada social e não biologicamente. (SCAVONE, 2001, p. 141)

Se nos relatos da Eliane e Gerciani, citados anteriormente, a idade indica a falta de maturidade no planejamento de uma gestação, no relato da Valquíria, é possível observar a maternidade acontecendo num momento da vida que ela entende como mais maduro, trazendo a perspectiva de uma mulher que planejou essa vivência, ainda que

diante dos desafios que a maternidade pode apresentar. Aspectos como a estabilidade e independência financeira, nível de escolaridade superior, a presença de uma parceria, podem indicar que foi uma escolha dessa mulher, a partir do seu entendimento do que essa vivência venha a proporcionar em sua vida:

As minhas duas gestações foram planejadas, eu quis ter as minhas duas filhas. Para os padrões acreanos eu sou uma “mãe velha” [risos], pois fui mãe depois de já ter feito o mestrado, estava trabalhando e já tinha certa estabilidade. Estava com meu marido há três anos quando nasceu a minha primeira filha, e agora está com quatorze anos, vai fazer 15 em fevereiro. Depois de cinco anos nasceu minha segunda filha, e também foi super desejada. E então eu já era professora na universidade e estava mais tranquila. As minhas duas gestações foram ótimas, as meninas nasceram através de partos normais e humanizados. Não é fácil ser mãe, no sentido do que é essa disponibilidade, muitas vezes a perda da individualidade, acho que isso é muito claro. Eu sempre fui muito consciente do momento que eu queria ser mãe, então nunca tive problemas, porque era um desejo ser mãe. A não ser que eu não tivesse um companheiro, eu não me via sem ser mãe, sempre desejei ser mãe. (Valquíria, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Aline Paiva)

No relato de Jasmim, exposto abaixo, ao mesmo tempo em que reforça o dito anteriormente sobre a ideia da importância no planejamento na experiência de maternidade, também traz a reflexão sobre o quanto a idealização da maternidade pode interferir ou até mesmo atrapalhar a vivência dessas. Pensando no quanto as mulheres são cobradas e destinadas a essa função social de mães, sem que as mesmas consigam ponderar sobre as escolhas que poderiam fazer. Escolhas essas que as fariam entender melhor os processos relacionados ao gerar, gestar e cuidar:

Reflito muito quando escuto falarem em gravidez planejada. No meu ponto de vista planejar uma gestação requer vários fatores favoráveis, dentre os principais estão estabilidade financeira, rede de apoio e organização de tempo. No meu entendimento, as mães de baixa renda não possuem esses fatores favoráveis, tornando o planejamento da gestação impossível. A romantização da maternidade é algo que atrapalha a experiência materna, criam-se expectativas e na prática descobrem que o universo materno é bem maior e complexo. As mulheres acabam não estando preparadas psicologicamente para enfrentar os desafios que acompanham o nascimento de uma criança, e isso se intensifica quando elas não possuem uma rede de apoio, quando são obrigadas a fazer o desmame da criança para voltar ao trabalho, quando é necessário ficarem por um longo período distante da criança, quando os genitores não assumem o papel na vida da criança e etc... (Joyce, entrevista gravada em outubro de 2020, por Jéssica Matias)

Mesmo quando os fatores listados por Joyce não estão presentes, uma gravidez pode ser desejada ou planejada. E ainda desejada essa vivência pode trazer à tona os desafios da maternidade, como medo e insegurança.

Me casei ainda na adolescência e fui morar na zona rural e acabei desistindo de estudar, não cheguei a concluir nem o ensino fundamental. Durante alguns anos tentei engravidar, mas nunca deu certo, e eu me sentia frustrada, pois eu queria muito ser mãe. Após alguns exames e consultas, descobri que tinha dificuldades para engravidar e teria que fazer um tratamento para poder ter filhos. Como eu morava na zona rural, não tinha como ficar indo e voltando constantemente, então acabei não realizando o tratamento. Passados alguns anos veio uma gestação, ela não foi planejada, para falar a verdade, ela foi uma grande surpresa. Eu já tinha desistido e imaginava que nunca iria ser mãe, então quando veio o positivo foi um misto de sentimentos, fiquei radiante de alegria e ao mesmo tempo uma preocupação me consumia por completo: não sabia se iria conseguir ser uma boa mãe, se teria condições de criar uma criança, comecei a sentir medo do futuro. (Silvana, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

- 19 Scavone (op. cit.) ainda ressalta os dilemas que se apresentam às mulheres, ao ter que conciliar as demandas da maternidade com as aspirações profissionais ou acadêmicas. As mães percebem que as suas atribuições são maiores do que as dos pais, que a divisão de tarefas domésticas fica atrelada ao gênero e, nessa balança familiar que se apresenta no cotidiano, os encargos das mulheres ficam muito mais pesados. Pensar num planejamento familiar e em tecnologias na reprodução humana é pensar na autonomia feminina sobre o próprio corpo, possibilitando decidir em que momento de suas vidas a maternidade poderia acontecer. Para além da função social imposta às mulheres mas respeitando e entendendo as vontades que as mesmas possuem nas experiências de maternidade, recusar ou aceitar, desejar ou negar a maternidade está vinculado a uma decisão das mulheres.
- 20 Cabe ponderar que o relato de Joyce traz o viés de classe de uma mulher de classe média, escolarizada, interpretando maternidades de mulheres de classes populares, com menor escolaridade. Estas mulheres, ainda que tenham mais incidência de gravidezes não planejadas, também tem certa agência, ou seja, capacidade de agir e decidir, às vezes a partir de outros meios e por outros critérios do que o de “planejamento familiar”. A expressão gravidez planejada estava nas perguntas do roteiro utilizado no projeto e talvez isso tenha estimulado seu aparecimento nos relatos.
- 21 Seguindo no entendimento de que há sobrecarga física e mental sobre as mulheres, é necessário reconhecer o quão é árduo conciliar a vida profissional com a familiar. Os relatos de Joyce, Cecília e Ana destacam como a maternidade interferiu nas jornadas profissionais e acadêmicas, de maneira a dificultar ou até mesmo interromper a continuidade regular dessas atividades:

Sendo a mulher a principal responsável pela criação do filho, como se já não fosse o bastante, ainda tem que enfrentar uma sociedade patriarcal que dificulta a empregabilidade de uma mãe.

Em relação à minha gestação, eu demorei um tempo para aceitar, pois não queria estar grávida, pelo menos não naquele momento. Foi em um período em que minha vida estava uma correria, eu estava na metade da minha graduação, praticava esportes, e com a gestação tive que desacelerar. Foi uma gestação com muitos enjoos do início ao fim, mas com o desenvolvimento da gestação fui aceitando e me sentindo mãe. Depois que a neném nasceu tive que dar um jeito para conciliar a maternidade com a vida acadêmica, e foi bem difícil. A maternidade aos poucos transforma a nossa vida, permitindo um entendimento melhor sobre como é ser mulher e mãe ao mesmo tempo, alterando nossas responsabilidades e prioridades e nos redireciona para novos rumos na vida. Posso dizer que me sinto realizada com a maternidade, porque consigo me fazer presente na vida da minha filha e dou bastante prioridade para isso, apesar de querer passar mais tempo com ela e não poder, por conta do trabalho. (Joyce, entrevista gravada em outubro de 2020, por Jéssica Matias)

Foi um passo atrás, porque engravidar exige dedicação, exclusividade e não sei como que isso se dá satisfatoriamente em todas as áreas, é muito complicado. Eu não sei o que é essa experiência de ser uma boa mãe, ser uma boa aluna e ser uma boa profissional. Essas primeiras fases do nascimento até os sete anos dos meus filhos foram sempre assim: eu precisei abrir mão de muitas coisas por eles, para estar com eles. Não por eles, mas pela maternidade, então muita coisa que eu poderia ter ido adiante coloquei uma “marcha” lentíssima e um “freio de mão” puxadíssimo porque eu optei por me dedicar à maternidade. (Cecília, entrevista gravada em novembro de 2020, por Aline Paiva)

- 22 Essas duas falas revelam mudanças no ritmo da vida, desacelerando atividades de estudos e profissionais que correspondem a fases da vida de jovem adulta dessas mulheres, que idealmente se dariam antes do tempo de ser mãe. Ser “mãe e mulher ao mesmo tempo” impõe diferentes tempos, nas diferentes fases da infância dos filhos.

Não foi uma gravidez planejada, meus planos era ser mãe só aos 30. Já formada e com um emprego, com uma boa estabilidade financeira. Mas aconteceu, no começo foi um choque, principalmente por causa dos meus estudos, eu estava iniciando meu terceiro período. Então fui muito prejudicada, não pude fazer todas as matérias do terceiro, e acabei não fazendo nenhuma do quarto. Quando foi para eu voltar, foi pior ainda, eu tive que deixar minha filha recém nascida em casa, aos cuidados de uma estranha que eu sequer conhecia. Eu passava a manhã toda preocupada, louca para voltar para casa, mal conseguia me concentrar. (Ana, entrevista gravada em outubro de 2020, por Aline Paiva)

- 23 O relato de Ana revela uma representação sobre as etapas para alcançar os fatores que Joyce havia elencado anteriormente como favoráveis à maternidade. Terminar os estudos, ter um emprego e estabilidade financeira, que estariam assegurados aos 30 anos. Esta representação pauta escolhas e decisões e faz avaliar os acontecimentos da vida. Uma maternidade que acontece sem esses fatores, pode ser vista como fora do curso e que causa prejuízos.

- 24 Refletindo sobre gênero e maternidade, a psicóloga Valesca Zanello (2018) traz do filósofo Michel Foucault o conceito de “dispositivos”, como mecanismos que incidem nos processos de subjetivação dos indivíduos, nas relações de saber e poder estabelecidas entre os sujeitos, bem como são moldados econômica, social e culturalmente. Implicam na construção dos sujeitos em aspectos sociais e sexuais, através das tecnologias de gênero. A autora reflete sobre o papel que a sociedade determina para a mulher, por meio de dispositivos amorosos e maternos. Dispositivos esses que implicam na manutenção da imagem de uma mulher genuinamente frágil e maternal, como se atendessem a um chamado biológico. São dispositivos que também atuam na construção psicológica do sujeito mulher, de maneira a sustentar o poder da sociedade patriarcal no controle de seus corpos e mentes. Também aponta que o dispositivo amoroso produz o afeto como um dos elementos que constituem o papel de cuidar exercido pelas mulheres na sociedade, um ideal construído ao longo dos anos, que designa às mulheres a responsabilidade dos cuidados domésticos, como se sua capacidade fosse limitada a isso.

- 25 Este dispositivo que produz o afeto e o cuidado, por outro lado, busca restringir habilidades intelectuais e até mesmo físicas das mulheres, o que ocasiona numa desigualdade de gênero, em que as mulheres não são valorizadas ao desempenharem qualquer outro papel que não seja o cuidado com o lar e filhos. É como se existisse uma régua desigual utilizada pela sociedade para homens e mulheres diante de suas funções sociais, exigindo da mulher uma responsabilidade muito maior no papel do cuidar. Cecília relata:

Tornei-me adulta quando me tornei mãe, mas completamente imatura. Dos 25 anos para frente eu fui assumindo as responsabilidades de casa, filho, marido e profissional. Demorei muito a me assumir como mãe, ainda que isso não diga respeito ao meu compromisso e a minha responsabilidade social com essa criança. Então foi uma construção demorada de se fazer, como me entender como mãe da minha filha. (Cecília, entrevista gravada em novembro de 2020, por Aline Paiva)

- 26 Nesse trecho, Cecília associa ser adulta a ser mãe, enquanto as atividades de estudos, mencionadas anteriormente, não seriam tão constitutivas da condição de adulta quanto

à responsabilidade pela casa e os filhos. Zanello afirma que o ideal construído pelas narrativas heteronormativas aprisiona as mulheres em um modelo que as subjuga, de maneira que as fazem percorrer caminhos tortuosos quando não alcançam este ideal (incluindo estabilidade financeira e emocional). Ou então, imputam a elas desejos e idealizações que não as contemplam em suas individualidades, havendo uma confusão do que são interesses próprios e o que foi influenciado pela imposição social.

- 27 Desde muito novas, as mulheres são estimuladas a nutrir um desejo maternal, que as leva a entender que o sentido de suas vidas encontra-se na maternidade. Entende-se, a partir desse dispositivo, que pelas características biológicas há uma aptidão natural das mulheres para a maternidade, juntamente com a idealização de família que a sociedade patriarcal impõe como aceitável. É com essa idealização da maternidade que as mulheres precisam lidar e enfrentar os desafios que a vivência de maternidade apresenta. E equilibrar o que lhes é imputado como obrigação e o que é almejado torna-se mais um desafio para as mulheres. (ZANELLO, 2018, p. 161).
- 28 Os dois trechos dos relatos de Eliane e Soleane, citados a seguir, mostram como tornar-se mãe significou colocar o indivíduo mulher em segundo plano, pensar-se em um coletivo que inclui filhos e maridos, na adequação de suas vidas na realidade que se apresentava a partir da descoberta da maternidade. Na construção de uma estrutura familiar que implica em mudanças repentinas e drásticas no que essas mulheres imaginavam para suas vivências de maternidade.

Eu imaginava tanta coisa sobre a maternidade, só coisas positivas, é claro, mas quando tornei-me mãe a realidade foi bem diferente, me vi diante de tantas dificuldades e preocupações, abduquei de coisas, parei de me cuidar para cuidar apenas dos meus filhos. Imaginava que, com o passar dos anos e com o crescimento das crianças, poderia retomar os planos que tinha para a minha vida, que poderia me cuidar, mas a vida me mostrou que não é bem assim. Com o passar dos anos as prioridades foram mudando, o que eram planos a longo prazo foram perdendo espaço para o que era necessário a curto prazo. Posso dizer que não existe mais o eu, não sei quanto tempo faz que não faço e nem penso em algo apenas voltado para mim, o eu se perdeu no meio da jornada de mãe, agora só existe o nós, sempre penso na família, para a família; mas não me arrependo de nada, pude cuidar dos meus filhos e agora posso ajudar a cuidar dos meus netos, que são tudo na minha vida e isso é o que importa. (Eliane, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

Foi difícil porque eu tava fazendo teatro, tava fazendo balé, tinha acabado de entrar na universidade, praticamente. E a sensação de ser mãe, de encarar um outro mundo, é difícil. Inclusive, me juntei de última hora, fui passar três dias na casa do pai das minhas filhas e acabei ficando por lá durante o tempo que vivi com ele. Mas foi desafiador. Eu chorava de saudade da minha casa. Eu chorava porque ao mesmo tempo que eu queria ser livre, eu queria estar vivendo aquela vida de casada, tal. E eu era muito imatura. (Soleane, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Ana Fiori)

- 29 Zanello segue com a reflexão de que o cuidar, atrelado ao afeto, pode contribuir para a naturalização de um trabalho invisibilizado da mulher no âmbito doméstico e como uma atribuição da maternagem. Assim, essa invisibilidade do trabalho desempenhado por mulheres, em qualquer que seja a função, torna ainda mais exaustiva a maternidade e evidencia a pressão exercida em alimentar o amor materno que se acredita existir naturalmente nas mulheres (ZANELLO, 2018, p. 152). Na ideia de que esse amor materno poderia justificar os sacrifícios que as mulheres devem vivenciar para que a experiência de maternidade seja completa, alimentando o pensamento popular de que ser mãe é

padecer no paraíso. Nos relatos das mulheres entrevistadas, parece haver uma necessidade de autoafirmação da maternidade plena, sempre ressaltando as dificuldades e sacrifícios.

Mesmo com o cansaço que a maternidade exige, ser mãe é algo maravilhoso, só não esperava ser mãe de quatro, sempre me imaginei mãe apenas de uma criança, um menino. Não foi como planejei, mas agora vou ter o príncipe da família. A pandemia me fez parar e dar mais atenção às minhas filhas, agora posso acompanhar e me fazer presente no desenvolvimento de cada uma. Gostaria de dizer às mães que aproveitem esse momento para intensificar o vínculo com seus filhos, as crianças precisam sentir o quanto são amadas. (Gerciani, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

Mas assim, eu amo ser mãe, eu nem sei explicar como é maravilhoso ser mãe, mesmo com todas as dificuldades que enfrento. Eu me sinto realizada com a maternidade, sou uma mãe bem carinhosa, me considero uma mãe coruja. Ele é uma benção em minha vida e nem faço questão da presença do pai na vida dele, aliás o meu filho está bem melhor sem ele. (Silvana, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

- 30 Em diálogo com outras autoras, incluindo Claudia Fonseca e Lucila Scavone, Zanello examina que o fato de a maternidade ser considerada fundamental para a noção de feminilidade, e a chamada “política de incitação à maternidade compulsória” leva ao banimento social e invisibilidade das mulheres sem filhos, que podem ser vistas como mulheres “tristes e incompletas” (TRINDADE; ENUMO apud ZANELLO, 2018, p. 159). É preciso diferenciar não querer ter filhos e querer e não poder, por alguma impossibilidade. Entretanto, o peso de “não poder ser mãe” pode assombrar as mulheres, tanto quanto o de não conseguir ser uma boa mãe:

Eu já tinha desistido e imaginava que nunca iria ser mãe, então quando veio o positivo foi um misto de sentimentos, fiquei radiante de alegria e ao mesmo tempo uma preocupação me consumia por completo: não sabia se iria conseguir ser uma boa mãe, se teria condições de criar uma criança, comecei a sentir medo do futuro. Mas aos poucos fui deixando o medo para trás e só imaginava a chegada do meu bebê; desde muito nova eu pensava em casar e ter filhos, pensava em formar uma família grande, envelhecer ao lado do meu esposo, era um sonho de menina mesmo, e parecia que o meu sonho estava finalmente se concretizando com a chegada do meu filho. (Silvana, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

- 31 Não se pode, contudo, considerar nem a capacidade de gerar ou gestar o único modo de exercer a maternagem, nem a experiência de maternidade e sua idealização como o que legitima a feminilidade das mulheres. Não apenas a maternidade, mas a família idealizada, a vida em comum, a maturidade e o envelhecimento muitas vezes não correspondem às experiências de fato vividas e relatadas, e se torna um dever das mulheres justificar, conformar-se e positivar essa diferença entre o ideal e o vivido.

Mas a vida não ocorre exatamente como imaginamos; após o nascimento do meu filho me separei e fui morar na casa da minha mãe durante um tempo. O homem com quem imaginei construir uma família me abandonou, e também abandonou o seu papel de pai. (Silvana, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

- 32 As vivências de maternidade também podem se diferenciar tanto quanto a existência de vários sujeitos mulher, assim é possível reconhecer diversas formas de relacionar a vida profissional e a maternidade: as que veem no trabalho e na vida profissional a preservação de suas individualidades, ainda que desejando a vivência de maternidade; as que necessitam deixar seus lares e dispor de sua força de trabalho para a manutenção econômica de sua família, em detrimento de uma exclusividade nas

demandas domésticas, inclusive os cuidados com os filhos. Em ambas situações, essas mulheres são avaliadas por seus desempenhos como mãe e culpabilizadas por não estarem exercendo plenamente a maternidade, uma culpa que vem tanto de diferentes segmentos da sociedade quanto é introjetada pelas mulheres. E mais uma vez tendo como contexto o afeto atrelado à maternidade, ao dever da mulher de cuidar do outro como sua natureza, seu dever que não pode ser transferido a outro (ZANELLO, 2018, p. 168). Os relatos de Nattércia e Gerciane revelam a intensidade da rotina de cuidado, antes da pandemia, ainda com a possibilidade de participação de outras pessoas (pai, avó) e instituições (creche, escola):

Minha filha é uma criança de creche. Passou a ir pra creche a partir dos seis meses, em tempo integral, então só tive muito tempo com ela na época da licença maternidade. Depois passava o dia trabalhando e só a via às 18h. Esse ano ela foi para escola, também integral e a rotina continuava a mesma. (Nattércia, entrevista gravada em outubro de 2020, por Aline Paiva)

Sempre tive uma rotina bem corrida devido as meninas serem bem agitadas, acordava cedo para preparar o café e arrumar a menina para sair junto com o pai dela, no caminho para o trabalho ele a deixava na escola. Eu ficava em casa cuidando da minha filha mais nova e me dedicando aos cuidados da casa e ao preparo do almoço, pois às onze horas eu ia buscar a outra filha na escola. No período da tarde preparava uma comida para meu esposo jantar quando ele chegasse do trabalho, arrumava as meninas e ia deixar elas na casa da minha mãe. De lá eu seguia para o trabalho, trabalhava das quatro horas da tarde às onze e meia da noite, e tinha folga às segundas-feiras. (Gerciane, entrevista gravada em novembro de 2020, por Jéssica Matias)

Maternidade e Pandemia

- 33 A pandemia se apresenta como um elemento potencializador da sobrecarga de jornada para as mulheres, pois recai sobre elas a responsabilidade dos cuidados com os doentes e qualquer outro membro da família que necessite de mais zelo. A pandemia revela ainda mais o quanto esses dispositivos afetivos e maternos podem direcionar as mulheres para a função do cuidar, dado que elas são a maioria dentre os profissionais de saúde, além das que predominantemente atuam nos serviços de limpeza (OXFAM, 2020). E o aspecto da limpeza tornou-se indispensável com o coronavírus, às atenções voltadas para o ato de higienização de objetos e ambientes, a assepsia de locais públicos e privados fez-se imprescindível no combate à proliferação do vírus. Estas situações culminaram na sobrecarga das demandas já atribuídas às mulheres, principalmente às mães. A elas não foi permitido parar, pelo menos não voluntariamente. Contudo, as dispensas dos empregos ou a falta de trabalho dificultaram ainda mais para essas mães, sobretudo para aquelas que são as principais mantenedoras de seus lares.

Com o isolamento social as coisas complicaram, fui dispensada do emprego, por segurança e prevenção, a família decidiu por eles próprios cuidarem dos idosos durante a quarentena, e o meu esposo teve redução nos serviços e, conseqüentemente, as contas foram acumulando, então para ajudar nas despesas de casa comecei a revender cosméticos. (Eliane, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

E veio o pensamento também de como iríamos viver sem poder trabalhar, sem renda como iria dar o alimento para minha filha. Então comecei perder o sono, chorar sem parar, estava um zumbi em forma de gente. Até que meus patrões falaram que os professores iriam trabalhar online e eu viria para a secretaria em horário reduzido. Amenizou a preocupação, mas os bicos para sustentar a renda já

não podiam mais. Tive que regrar despesas de casa onde já era regrado, tinha dias que eu chorava, dias que eu ria de nervosa e me derramava sozinha no banheiro pra minha filha não ver. (Klavimary, entrevista gravada em novembro de 2020, por Aline Paiva)

- 34 Assim como, houve casos em que as mulheres perderam as condições de manter o sustento de seus lares, também houve as que se viram diante de propostas de trabalho que as colocavam praticamente diante do vírus diariamente, justamente por se tratar de serviços de limpeza, a oportunidade de uma fonte de renda. As próprias circunstâncias de estarem em uma situação econômica desvantajosa, leva-as a aceitarem estes trabalhos perigosos.

Antes da pandemia me encontrava desempregada, recebi a proposta de trabalho durante a quarentena. No início, foi bem assustador pensar em trabalhar em um local que atendia os pacientes com coronavírus, mas ao refletir melhor considerei uma proposta viável, não só pela parte financeira que eu precisava, pois eu e o meu companheiro só conseguimos receber uma parcela do auxílio emergencial, não sabemos o motivo, tentamos contestar mas ficamos em análise até hoje. Então por eu ser uma pessoa jovem, saudável e que pratica esporte, me senti segura em poder contribuir nessa missão de prevenção. Trabalhar na limpeza é algo de suma importância nesse período pandêmico, e me sinto feliz por poder contribuir na higienização e prevenção dos médicos que estão na linha de frente no tratamento das pessoas infectadas pela Covid-19. (Joyce, entrevista gravada em outubro de 2020, por Jéssica Matias)

- 35 As angústias, as aflições e as preocupações com os problemas econômicos, além da falta de uma rede de apoio ficam evidentes no relato de Francisnilda abaixo, que expõe as fragilidades das experiências de maternidades já existentes agregadas às impostas pela pandemia:

Com o decorrer da quarentena estou me sentindo muito angustiada e preocupada em como vai ser o dia seguinte, como vou conseguir alimentar os meus filhos; cheguei a receber por duas vezes cesta básica da escola em que as minhas filhas estudam, mas esses alimentos não duram para sempre. É vergonhoso, mas tem dias que não tem nada para eles se alimentarem, e é horrível a sensação de impotência de não conseguir suprir as necessidades dos meus filhos. O pai deles não é presente e não se importa se as crianças estão passando por necessidades, paga uma mixaria de duzentos reais de pensão e ponto final. É cansativo ter que lutar sozinha para criar as crianças, mas eu não desisto. [...] Com o isolamento social as meninas passam mais tempo assistindo televisão e brincando de boneca, e às vezes, quando o neném tá dormindo, eu brinco de boneca com elas. À noite, após o neném dormir, sento com elas para ajudar nas atividades da escola. Não digo que toda noite isso acontece devido a ter dias que eu consigo alguma faxina e chego em casa muito cansada, mas sempre que possível estou ajudando as meninas nas tarefas e enviando para as professoras. (Francisnilda, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Jéssica Matias)

- 36 Refletindo sobre essas fragilidades às quais as mulheres são expostas, é possível destacar o caso da primeira vítima do coronavírus ser uma empregada doméstica que foi contaminada por seus patrões, ao voltarem de uma viagem da Itália, país que naquele momento tinha altos índices de infectados (OXFAM, 2020). Isto revela não apenas o recorte de gênero nos mais atingidos pela vulnerabilidade que a pandemia ocasionou, mas também a desigualdade social e racial. Tendo em vista que a maioria das mulheres na linha de frente no combate à Covid-19 no setor da limpeza são negras que, como já citado anteriormente, não teriam a opção de pararem suas atividades dentro ou fora de seus lares, voluntariamente. O que leva à reflexão a partir do que já foi pensado e discutido por Lélia Gonzalez em seu artigo *Racismo e Sexismo na Cultura*

Brasileira (1984), em que discute os conceitos de mucamas, aquelas que cuidam dos afazeres domésticos das casas dos senhores de engenho. As escravas destinadas a cuidar das demandas domésticas e dos filhos das mulheres brancas, remetendo desde a escravidão à função que as mulheres negras tinham na sociedade:

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. (GONZALEZ, 1984, p. 230)

- 37 Dentre os relatos coletados durante o projeto, também é possível observar que um dos impactos da pandemia nas vivências de maternidades de algumas mães se deu no sentido de repensarem suas experiências e reformularem seus pontos de vista. Em alguns casos, as medidas de distanciamento social que as levaram ao isolamento dentro de suas casas, também ocasionaram uma aproximação a partir do intenso convívio que se estabeleceu diariamente. Com a pandemia surge uma falsa sensação de desaceleração na rotina, ocasionada pelo isolamento social que provoca a paralisação de algumas atividades fora de casa, e assim um momento propício para que as mulheres se reconectem às suas experiências de maternidade. A mãe que descreve sua filha como uma “criança de creche”, relata que repensa sua relação com a criança e observa uma outra visão da maternidade. Embora sair de casa para trabalhar também seja uma forma de cuidado, essas falas revelam mais uma vez a culpabilização das mulheres, que descrevem que não se sentiam de fato conectadas com a maternidade. É possível interpretar essa culpa a partir do que a feminista negra estadunidense Patricia Hill Collins chama de “imagens de controle” das formas de maternidade. As mães que trabalham fora, por necessidade econômica e/ou ambições profissionais, podem ser vistas como as “mães guerreiras”, que trabalham e se sacrificam pelo bem estar de seus filhos, mas também são consideradas “relapsas” no cuidado, “desnaturadas” ao reduzir o papel que desempenham no cuidado doméstico, diante das outras demandas (COLLINS, 2019, cap. 4).
- 38 Abaixo os relatos de Catarina, Nattércia e Cecília, que relatam sentir transformações nas dinâmicas das relações com suas filhas:

A pandemia mudou completamente minha visão sobre a maternidade e a minha relação com a minha filha. No primeiro mês da pandemia eu pensei: “Sério que vou cuidar de uma criança o dia inteiro? Vou conseguir? O que vou fazer?” Precisava achar formas do que fazer com uma criança, porque criança não é só cuidar, dar banho e dar comida, é preciso brincar, estimular, ensinar... E a minha filha estava só com um ano e três meses. E antes da pandemia eu estava numa zona de conforto porque ela estava a maior parte do tempo na creche E então eu saí completamente de uma zona de conforto para cair mesmo na realidade de mãe vinte e quatro horas por dia. E eu estou adorando essa realidade!! É maravilhoso poder acompanhar o desenvolvimento da minha filha. Pra mim é um privilégio muito grande; porque muitas vezes, é preciso trabalhar e deixar com babá, ou com a avó, ou na escola e você perde muita coisa do desenvolvimento do seu filho. Estou vendo cada coisa legal, todos os dias é uma coisa diferente e estou podendo acompanhar tudo isso. Eu não tinha esse pensamento lá no início da pandemia. Meu pensamento no início era: “Meu Deus do céu, não vou conseguir! Eu não quero, prefiro trabalhar! [Catarina (nome sugerido pela entrevistada), entrevista gravada em dezembro de 2020, por Aline Paiva]

Com a pandemia, esse foi o maior impacto que senti. Ficar em casa em tempo integral com ela. Foi como se eu estivesse vivendo a licença maternidade novamente, mas com uma criança de quatro anos, com demandas diferentes. Eu

fiquei em home office, mas meu esposo trabalhava duas vezes por semana. As tarefas domésticas e com a criança são bem divididas. Acho até que ele faz mais que eu, porque não tenho tanto apego a uma casa limpa, já o companheiro é mais ligado nisso. Em compensação, a criança fortaleceu o laço comigo. Quer ficar comigo o tempo inteiro. Não gosta quando pai chega do trabalho. (Nattércia, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Aline Paiva)

O que mais noto é que por meus filhos já serem crescidos e com menos necessidade de atenção exclusiva, o isolamento permitiu que meu olhar para eles e para a maternidade mudasse. Aquele início impositivo de aceitar a maternidade se desfez. E eu quero preservar essa nova sintonia que despertou sobre a maternidade e o vínculo com eles para depois da pandemia. Ao me tornar mãe eu não tive escolha a não ser aceitar a maternidade. No isolamento a maternidade se tornou uma excelente escolha e até uma solução para amenizar os efeitos emocionais do confinamento e do medo (Cecília, entrevista gravada em novembro de 2020, por Aline Paiva)

- 39 Estes três depoimentos pertencem a mulheres que não se depararam com perdas econômicas durante a pandemia que causassem impactos, demonstrando como as diferenças de classe afetam a vivência da pandemia. Se antes, tratava-se de uma mãe que arrumou emprego de faxina na pandemia, saindo de casa para melhor garantir a renda, estas três podem ficar em casa, sem trabalhar em seus empregos ou em modalidade de home office. Mesmo assim, no segundo relato é possível identificar que a participação paterna também pode se dar de maneira ativa na distribuição das tarefas domésticas e cuidados com as crianças, porém ainda há uma exigência maior da atenção da mãe.
- 40 É sobre a mãe que recaem as maiores responsabilidades, tanto na organização da vida familiar, quanto da adaptação profissional no seu ambiente doméstico. Adequar-se às novas dinâmicas familiares e profissionais tornou-se mais um desafio na vivência de maternidade durante a pandemia. Para as mães que dispunham de ajuda profissional nos cuidados doméstico e com os filhos, a pandemia modificou a dinâmica da casa, seja interrompendo esta ajuda ou adaptando-a. No segundo relato abaixo, de Gerciane, é possível observar o pontuado anteriormente neste artigo, em que o ambiente privado é feminino e o público é masculino.

Com a pandemia ficamos quase sete meses sem que ela [a empregada] viesse em casa, porque tomamos todos os cuidados mesmo. E foi nesse período que participei do processo de seleção para o doutorado, então eu estava estudando e fazendo tudo, organizando as tarefas e tentando dividir as tarefas diárias. Eu sou a maior responsável por dividir as coisas, a administração era/é mais minha e, embora as pessoas estivessem ajudando, quem estava vendo quem tinha que fazer o quê e quem tinha que cobrar muitas vezes era eu... (Valquíria, entrevista gravada em dezembro de 2020, por Aline Paiva)

Com a pandemia, tive que me adaptar a uma nova rotina, na verdade talvez eu nem tenha conseguido estabelecer uma rotina ainda, com as crianças em casa o trabalho se intensificou, toda hora tenho que arrumar, limpar, lavar, fazer comida, tenho sempre que estar de olho nelas para não brigarem, não se machucarem, elas não param nenhum segundo. Quando meu esposo chega a noite do trabalho elas vão assistir vídeos no celular com ele, enquanto eu faço a janta. Aqui em casa sou a única responsável por cuidar das crianças e também sou responsável por todos os afazeres domésticos. Meu esposo vai para o trabalho às seis e trinta da manhã e volta para casa umas oito horas da noite, então não tem como ele me ajudar. A parte dele é trabalhar para sustentar a família e principalmente pagar o aluguel e a luz. (Gerciane, entrevista gravada em novembro de 2020, por Jéssica Matias)

Considerações Finais

- 41 Ainda que com realidades, escolaridades, faixas etárias e classes sociais diferentes, observa-se que as experiências de maternidades podem ser atravessadas por desafios que se apresentam às mães de maneira geral. Sentimentos como preocupações e angústias perpassam as vivências de maternidade da maioria das mães, além das adequações nas performances pessoais e profissionais exigidas socialmente. Percebeu-se que há similaridades e singularidades apresentadas ao longo dos relatos coletados e analisados neste artigo. Para algumas, a maternidade foi desejada e planejada, como uma grande realização de suas vidas, enquanto que para outras acontece de forma abrupta e repentina, exigindo uma adaptação à nova realidade que se configurava. Os contextos vividos distintamente interferiram significativamente na maneira como suas histórias foram sendo construídas, o que pode ter afetado direta ou indiretamente as vivências de maternidade dessas mães durante a pandemia. As transformações que ocorreram na vida de cada mãe acreana que cedeu seu relato ao projeto e foi objeto de análise deste artigo demonstram o impacto que a pandemia refletiu em suas famílias e na comunidade da qual fazem parte, emoldurando as pluralidades nas experiências de maternidades.
- 42 Os relatos revelam a percepção dessas mães, que se sentiram desafiadas a enfrentar uma nova rotina e sentiram-se ameaçadas por um vírus invisível, além das inseguranças econômicas e emocionais, o medo das incertezas e apreensão para que nada faltasse a elas e aos seus. Mulheres e mães que descobriram a força que poderiam ter em momentos de crise e que também se redescobriram como mães, crescendo e amadurecendo na relação com seus filhos. Assim, os relatos acolhem e visibilizam as mulheres que vivenciam suas maternidades, ainda que diante de inúmeros desafios e em momentos de crises como a pandemia da Covid-19, e trazem algumas evidências sobre a atuação fundamental das mulheres, no campo do cuidado – que frequentemente é desvalorizado ou ignorado. A romantização da maternidade muitas vezes oculta o quanto a perspectiva das mães pode ser solitária, diante das capturas que as expectativas sociais sobre si causam. Conversar com as mães ouvidas no projeto criou uma oportunidade de diálogo, de comunicar o que fora sentido solitariamente. Outras mulheres, mães ou não, ao lerem os relatos, sentiram também fazer parte da conversa. Estes relatos permitem outras análises, além das apresentadas aqui, que serão continuadas no futuro.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Janine. Acre confirma mais de 40 mil casos de Covid-19 e 767 mortes pela doença. **G1**. Acre. Posto online em 21 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/12/21/acre-confirma-mais-de-40-mil-casos-de-covid-19-e-667-mortes-pela-doenca.ghtml>. Último acesso em 28 maio 2022.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FIORI, Ana Letícia de. Das coletas dos relatos. **As margens da pandemia**: relatos de maternidades. Reflexões da equipe. 2020. Disponível em: <http://relatosdematernidades.com/index.php/da-coleta-dos-relatos/>. Último acesso em 29 maio 2020.

FONSECA, Cláudia. **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

GÊNERO E NÚMERO; SOF. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Relatório de Pesquisa. 2020. Disponível online em: <https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>. Último acesso em: 28 maio 2022.

GONZALES, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HEINEN, Maíra. Em meio ao confinamento, cresce a violência doméstica; Acre lidera em aumento de casos. **Radio Agência Nacional**. Direitos humanos. Posto online em 06 ago. 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/acervo/direitos-humanos/audio/2020-08/em-meio-ao-confinamento-violencia-domestica-cresce-no-pais-acre/>. Último acesso em 28 maio 2022.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araújo. Introdução. **Cuidado e Cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: Atlas, 2012.

OLIVEIRA, Aline Cristina Paiva de. Vivenciando e pesquisando a maternidade. **As margens da pandemia**: relatos de maternidades. Reflexões da equipe. 2020. Disponível em: <http://relatosdematernidades.com/index.php/vivenciando-e-pesquisando-a-maternidade/>. Último acesso em: 28 maio 2022.

OXFAM. Primeiro caso de morte por covid-19 no Rio é o retrato da vulnerabilidade das mulheres na pandemia. **Oxfam Brasil**. Notícias. Publicado em 28 maio 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/primeiro-caso-de-morte-por-covid-19-no-rio-e-o-retrato-da-vulnerabilidade-das-mulheres-na-pandemia/>. Último acesso em 31 maio 2020.

PHELIPE, André; BARBOSA, Marina. Mulheres são responsáveis pela renda familiar em quase metade das casas. **Correio Braziliense**. Economia. Posto online em 16 fev. 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,828387/mulheres-sao-responsaveis-pela-renda-familiar-em-quase-metade-das-casa.shtml. Último acesso em: 28 maio 2022.

RODRIGUES, Iryá; MUNIZ, Tácita. Secretaria de Saúde do Acre confirma três primeiros casos do novo coronavírus no estado. **G1**. Acre. Posto online em 17 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/03/17/governo-confirma-tres-primeiros-casos-de-coronavirus-no-acre.ghtml>. Último acesso em: 28 maio 2022.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu** [online]. 2001, n. 16 [Acessado 29 Maio 2022], pp. 137-150. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>. Epub 11 Mar 2009. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>.

VOLKER, Camila Bylaardt. Tem a forma de um relato. **As margens da pandemia**: relatos de maternidade. Reflexões da equipe. 2020. Disponível em: <http://relatosdematernidades.com/index.php/a-forma-de-um-relato/>. Último acesso em 29 maio 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

NOTAS

1. Edital PROEX 11/2020 – Ações online de extensão universitária. Projeto: As margens da pandemia: relatos de maternidade. Coordenadoras: Prof^a Dr^a Camila Bylaardt Volker e Prof^a Dr^a Ana Letícia de Fiori. Bolsistas: Aline Cristina Paiva de Oliveira, Jéssica Matias, Keyth Rose Albuquerque Pinheiro Melo, Natan de Lima França; voluntários: Robenylson de Oliveira Mota e Halanna Miranda. Vigência: set-dez/2020. Webmaster: Leandro Johannes de Fiori. O site produto do projeto esteve disponível em: <http://relatosdematernidades.com/>, atualmente fora do ar.
2. A professora Camila Bylaardt conta de suas inquietações e reflete sobre a forma dos relatos – seus e do projeto – em um dos artigos que compõem o site. Ver Volker, 2020.
3. No site do projeto, a professora Ana Letícia de Fiori explica os métodos adotados pela equipe. Ver Fiori, 2020.
4. Ver Oliveira, 2020.
5. Por exemplo, no relato de Klavimary, disponível em <http://relatosdematernidades.com/index.php/2020/11/20/klavimary-souza-magalhaes/>
6. Projeto de iniciação científica “Gênero e suas Matizes: perspectivas socioantropológicas sobre maternidades acreas em tempos de pandemia”, aprovado no edital PIBIC/CNPq 10/2021, sob orientação da professora Ana Letícia de Fiori. O Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido em 16 de agosto de 2022, tendo a banca sido composta por Letícia Helena Mamed (CFCH-Ufac), Camila Bylaardt Volker (CELA-Ufac), Renata Albuquerque de Moraes (Cáser Líbero), além da orientadora.

RESUMOS

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar os impactos da pandemia de Covid-19 nas vivências de maternidades das mulheres acreas, a partir de suas próprias falas. Foram coletados, no escopo de um projeto de extensão realizado no segundo semestre de 2020, 40 relatos que compuseram um acervo digital. Destes, foram selecionados 15 relatos que eram variados em termos de escolaridade, faixa etária e situação socioeconômica, e que apresentam mais detalhes sobre a maternidade e não apenas no período da pandemia, mas de modo geral. A partir da identificação de temas como o surgimento da maternidade na vida das mulheres, os impactos da maternidade na vida profissional e pessoal e o quanto a pandemia interferiu na vivência dessas maternidades, foram selecionados trechos dos relatos, discutidos e analisados a partir de autoras como Claudia Fonseca, Valeska Zanello, Lucila Scavone, Lelia Gonzalez e Patrícia Hill Collins. As vivências de maternidade se atravessam e ao mesmo tempo são múltiplas, constituindo experiências singulares para cada mãe, que podem também ser compreendidas a partir de dispositivos sociais que imprimem nas mulheres expectativas sobre o que devem ser suas maternidades, nas chaves do afeto, do cuidado, do sacrifício; expectativas que estas

mulheres também expressam e cobram a si mesmas, mas que são problematizadas em suas próprias vivências e ao refletirem em seus relatos.

This article aims to describe and analyze the impacts of the Covid-19 pandemic along maternity experiences of women from Rio Branco, Acre, through their own stories. There were collected 40 stories, in the scope of an extension project carried out in the second semester of 2020, creating a digital repository. 15 stories were selected, due to its variation in terms of women's education level, age and economic status, and which presented richer details on maternity in general, not only during the pandemic. Identifying themes such as the beginning of maternity in their lives, the impacts of maternity in their professional and personal life and the way the pandemic interfered in their maternity experiences, quotes of the stories were selected, discussed and analyzed aided by authors such as Cláudia Fonseca, Valeska Zanello, Lucila Scavone, Lelia Gonzalez e Patricia Hill Collins. The maternity experiences cross one another and are multiple, constituting singular experiences to each mother, but also are understandable in face of social dispositives that imprint on those women expectations of what their maternities should be, in terms of affection, care, sacrifices; expectations that those women also express and demand from themselves, but that are questioned by their experiences and the stories they tell

ÍNDICE

Palavras-chave: antropologia do gênero, relatos da pandemia, maternidade, covid-19, dispositivos de maternidade

Keywords: gender anthropology, pandemic stories, maternity, covid-19, maternity dispositive

AUTOR

ALINE CRISTINA DE PAIVA OLIVEIRA

Bacharelanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre